

De gol em gol, com direito a “replay”: o corpo na Copa para uma análise discursiva

(Goal for goal, “replay” allowed: the body in the World Cup for a discursive analysis)

Elizete de Souza Bernardes¹

¹ Centro de Educação em Ciências Humanas – Departamento de Letras – Programa de Pós Graduação em Linguística – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

elizete_sb@hotmail.com

Abstract: Brazilian women’s body as welcome invitation. It is under the scope of Discourse Analysis (DA) that the World Cup 2014, in one of its emerged aspects, will be under scrutiny in this text. The assumption of this paper is that the body is a sign that is materialized in different places of emergent and political struggles. The question is: what are the regimes of memory triggered when the outbreak of an utterance for determining historical moment, holding a discursive event? To try to solve that, we will work especially with one of the properties of the utterance: the associated domain (FOUCAULT, 2013). Moreover, as a development resulting from the reading undertaken by J. J. Courtine’s *Archaeology of Knowledge* (2009), the concept of discourse memory is expanded, pertaining to the field of memory, current memory, and anticipation memory. We intend, with this reflection, to think through the semiotic and discursive object: the body.

Keywords: Discourse Analysis; Historical semiology; body; Brazilian woman.

Resumo: O corpo da mulher brasileira como um convite de boas-vindas. É nos domínios da Análise de discurso de orientação francesa (AD) que a Copa do Mundo 2014, em um dos seus aspectos emergidos, será objeto de reflexão deste texto. O pressuposto de escrita é de que o corpo é um signo que se materializa em diferentes lugares de emergência e de lutas políticas. O questionamento é: quais são os regimes de memória acionados quando da irrupção de um enunciado em determinando momento histórico, sustentando um acontecimento discursivo? Para tanto, trabalharemos especialmente com uma das propriedades do enunciado: o domínio associado (FOUCAULT, 2013). Ademais, como desdobramento da leitura empreendida por J.J. Courtine (2009) da *Arqueologia*, o conceito de memória discursiva é ampliado: enquanto domínio de memória, memória de atualidade e memória de antecipação. Desejamos, com essas reflexões, pensar o objeto semiológico e discursivo: o corpo.

Palavras-chave: Análise do discurso; Semiologia Histórica; Corpo; Mulher brasileira.

Apito para o primeiro tempo

Bem-vindos ao país do futebol! Da alegria, do povo sorridente, hospitaleiro, de samba no pé e gingado docilizado. Lugar exótico, das cores vibrantes e primárias e... das mulatas. O país das garotas, com sabor de cravo e canela; lugar das moças do corpo dourado do sol de Ipanema; e um país de belezas naturais, onde se inventou a virgem dos lábios de mel: “Lugar onde suas fantasias se tornam realidade!”¹

¹ Essas são algumas materialidades que compõem o *arquivo* da pesquisa de doutoramento intitulada *De um corpo tão gentil como profano*: uma história de saber-poder sobre as prostitutas no Brasil, que conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp – Processo n. 2013\16256-4).



Figura 1. *Outdoor* Hotel Club Bahamas.

O enunciado acima (Figura 1), materializado em um *outdoor* instalado em uma das principais rodovias da cidade de São Paulo, causou polêmica em maio de 2014, um mês antes do início da Copa do Mundo, sediada nesse ano, no Brasil. Isso porque o enunciado, em seus elementos verbais e não verbais, sinalizavam para a construção de (efeitos de) sentidos que não são unicamente da atualidade, são, sobretudo, advindos de um regime de memória e de sua atualidade. Em paralelo ao enunciado linguístico, à esquerda, temos o corpo de uma mulher (as pernas e coxas torneadas e bronzeadas, vestidas em um *microshort*, sem blusa, e calçada com uma sandália de salto alto) que está agachada e sentada em cima da bola oficial do Mundial – a assim chamada *Brazuca*. Ela encontra-se flagrada nessa posição, sendo que a imagem insinua a prática de um ato sexual – o sexo oral – no homem (ou jogador) que está à sua frente (vemos parte de suas pernas, com o seu calção abaixado e a chuteira). Do lado direito do suporte do enunciado semiológico, temos a figura do proprietário do Bahamas Hotel Club, Oscar Maroni.²

É nessa sincronia, cuja impossibilidade de se separar o verbal do não verbal faz emergir o objeto semiológico da Análise do Discurso, que o presente artigo se inscreve. Propomo-nos a refletir o enunciado em sua singularidade histórica capaz de, ao mesmo tempo, manter em seu cerne a história e apresentar a singularidade de nosso tempo. Quais são os domínios associados e de memórias que se deslocam para fazer emergir certos efeitos de sentidos sobre a mulher brasileira e não outros em seu lugar?

² Essa parte do enunciado, qual seja a figura do proprietário do Hotel Bahamas, não será objeto de análise em uma perspectiva da presença do indivíduo, uma vez que foge ao interesse da AD. Em outros termos, poderíamos incorrer em juízos de valores contra ou a favor de Oscar Maroni, o que, absolutamente, não é de nossa alçada. Até porque consideramos o enunciado como histórico e não individual. Em outras palavras, “o discurso, assim concebido, não é a manifestação majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece e, que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo” (cf. FOUCAULT, 2013, p. 66).

Como possíveis respostas e *gestos de leituras*, pensaremos com Foucault (2013) a questão do enunciado, mais especificamente, uma de suas propriedades: o domínio de associação com outros enunciados. Além dela, a partir da leitura feita por J.J. Courtine (2009) da *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2013), refletiremos a questão do domínio de memória da linha tênue que foi construída entre a mulher brasileira e a prostituição ao olhar do estrangeiro.

Para tanto, tomaremos alguns anúncios veiculados no Brasil antes do início do Mundial onde figuravam mulheres em situações de sexualidade latente, reverberando sentidos históricos sobre as brasileiras ao olhar do estrangeiro. Desejamos, com isso, refletir como os signos constituem o discurso, sendo este as lentes que utilizamos para *ver* o mundo.

Em campo: signos de um jogo

Quando nos propomos a pensar o objeto da Análise do discurso (AD) estamos implicados na ordem do dizer sobre a língua(gem) e sobre a História. Isso se dá por duas razões: primeiro, porque, desde a proposta de Michel Pêcheux e o seu grupo, nos idos anos de 1960, para constituir a disciplina, eram a materialidade linguística, a historicidade e o sujeito os pilares para se analisar o seu objeto, qual seja, o discurso. Em segundo turno, a densidade histórica constituiria, mais tarde, o objeto da AD em linhas mais largas: a *língua de vento* traria, para junto do verbal o fluido, as imagens – fixas e em movimento –, os gestos, a voz, etc. A História imporia o seu ritmo para novos objetos que pululavam diante de nossos olhos: a popularização da TV, o advento e também democratização da internet, a novidade que, no instante seguinte, se torna obsoleta, a vida líquida, fugaz e contemporânea. A História determinando outros objetos, demandando novos olhares sobre ela mesma e sobre *como* esse regime de olhares interfere e produz novos (efeitos de) sentidos.

Com Michel Foucault (2013, p. 35), pensar o objeto da AD como semiológico é trabalhar com “qualquer forma de registro inscrita em um campo de memória, aberta à repetição, à transformação e à reativação e, por fim, ligada a enunciados que o precedem e o seguem”. Na esteira foucaultiana, a História descontínua, singular, rara, atualiza acontecimentos discursivos do tempo presente a partir de dizibilidades anteriores. A língua e a espessura histórica dos enunciados mais uma vez acenam para um princípio de reciprocidade entre ambos: “se não houvesse enunciados, a língua não existiria, mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua” (2013, p. 103). Em outros termos, a *performance* linguística, inserida nesse viés enunciativo, é finita – ainda que a língua, em um mundo chomskyano, por exemplo, apresente um desempenho e uma competência linguística infinita. Porém nem tudo é dito em qualquer tempo e lugar. Com efeito, há coordenadas espaço-temporais que regram os regimes de dizibilidades, há uma lei que rege a emergência de alguns enunciados, em detrimento de outros – apesar de toda possibilidade que a língua nos oferece.

Os enunciados são assim constituídos por quatro propriedades (FOUCAULT, 2013): (i) o referencial, que diz respeito “ao lugar, à condição, ao campo de emergência, à instância de diferenciação dos indivíduos e dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (p. 110-111); (ii) a posição-sujeito,

que atende à “posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (p. 116); (iii) uma existência material cuja irrepetibilidade da enunciação tem uma “singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (p. 123); (iv) por fim, chegamos ao domínio associado:

Constituído pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados. (FOUCAULT, 2013, p. 119)

Esta última propriedade faz ecoar a noção de memória discursiva da qual falava Jean-Jacques Courtine (2009). Aquela diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos. A memória discursiva abre espaço para os efeitos de memória que se dão na relação do tempo longo de uma memória com as formulações do tempo curto da atualidade de uma enunciação. Em outras palavras, o intradiscurso (o aqui, o agora) produz determinados efeitos de sentidos porque a espessura histórica do interdiscurso (o (já-)lá, o antes) o sustenta.

O fio do discurso sobre como o Brasil se apresenta ao olhar do estrangeiro coloca em anúncio e circulação um imaginário sobre as práticas discursivas às quais as mulheres brasileiras estariam (efeito de “evidência”) submetidas. O comportamento, os gestos, o corpo da mulher brasileira se avizinha com outro domínio de memória: a prostituta.³ Não se trata de se estabelecer uma relação imediata (mulher brasileira = prostituta), cujos pontos do real seriam a descrição pura, efeito matemático do produto de uma ordem dos fatores. Sobretudo, trata-se de uma relação construída, fabricada, inventada. O discurso constrói, em (des)contínua história, um possível efeito de “real”. Analisar discursos é “desfazer os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas” (FOUCAULT, 2013, p. 59-70).

O enunciado, no caso do *outdoor* (Figura 1), com todos os seus signos (o corpo feminino; a brazuca, a chuteira, o calção masculino abaixado como signos que apontam para uma condição de emergência desse enunciado: a Copa do Mundo; a gestualidade entre a mulher e o jogador de futebol, sugerindo uma prática sexual; assim como o verbal, etc.) consistem, segundo Foucault (2013), em práticas que formam os objetos de que falam. O Brasil é feito e discursivizado como o lugar dos prazeres, das fantasias, das mulheres prontas a te servir e, por isso, deve-se brindar com uma taça de Martini cujo conteúdo a se beber é uma mulher (Figura 1). O enunciado, esse objeto sincrônico, composto de imagem e de verbo, é a materialidade dos “discursos feitos de signos; e o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar as coisas” (FOUCAULT, 2013, p. 60).

³ Flagramos um enunciado que associa a gestualidade da brasileira como prostituta, por exemplo, em uma das denúncias feitas para o protesto contra a xenofobia sofrida por estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra, Portugal. Nessa ocasião, março de 2014, entre várias contestações (de cunho sexual, racial e social), havia um cartaz que dizia: “As alunas brasileiras precisam cuidar o comportamento, caso contrário, reforçarão o estereótipo de prostitutas, putas ou fáceis. [‘conselho’ dado por uma professora]”. Disponível em: <<http://www.folhasocial.com/2014/02/brasileiros-vem-sendo-desrespeitados-no.html>>. Acesso em: 4 fev. 2013.

Bola na rede

Os discursos feitos de signos são pontos de uma rede. Conforme se aperta, se afrouxa, se desloca, se (re)aproxima esses pontos, os demais sofrerão algum movimento – por isso, em rede. Pontos da rede, ademais, são uma metáfora para pensar sobre a complexidade e a multiplicidade (DELEUZE, 2005) que compõem um dispositivo. Este sendo, segundo Foucault (1979), de natureza essencialmente estratégica e inscrito em um jogo de saber-poder, compreende “um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não-ditos” (COURTINE, 2013, p. 27). A bola e a rede se constroem mutuamente. Não podemos conceber um jogo de futebol sem a bola e todas as estratégias do jogo (defesa, ataque, escanteio, faltas, entre os demais lances) são em função da bola. A bola, nesse trocadilho, é o discurso; o jogo é a rede, o dispositivo. “O discurso ele mesmo é imanente ao dispositivo que se modela sobre ele [...]; o discurso faz a singularidade (histórica), a estranheza da época, a nova tendência local do dispositivo” (VEYNE, 2011, p. 54).

O dispositivo, ao atuar em rede, faz emergir outras séries de dizeres que interditarium esse tipo de anúncio (instituições como o Ministério do Turismo, ONGs como a Plan⁴), coagindo o proprietário para a retirada do *outdoor*. Essa política da luta contra o turismo sexual faz parte do dispositivo. De modo semelhante, ocorre quando a presidente Dilma Rousseff manda um recado numa rede social:



Figura 2. Declaração da presidente quanto ao turismo sexual.

A deriva da fala pública operada pela *língua de vento* (COURTINE, 2006) confere essa aproximação entre o homem público e o homem privado. Na ocasião do lançamento feito por uma marca estrangeira de camisetas, inspiradas na Copa do Mundo 2014, a arte de governar (FOUCAULT, 1979) coage a Representante do Executivo para se pronunciar. Longe do palanque, Dilma Rousseff utiliza um aplicativo popular, informal, rápido, conciso, coerente com uma vida líquida e cotidiana para entrar na ordem do discurso: o

⁴ Trata-se de uma instituição internacional atuante principalmente em países da América, África e Ásia, que tem como um dos pilares a política da promoção dos direitos da criança, dentre o quais a luta contra a exploração sexual infantil. O sítio virtual na internet é: <http://plan-international.org/about-plan>. Acesso em: 15 jul. 2014.

twitter. A interatividade⁵ proporcionada em cada *twittada* configura-se também como um exercício de poder.

Uma das estampas da camiseta trazia na parte frontal: “I Love Brazil”, na qual o verbo “Amar” vem em formato de um bumbum feminino. Em outra camiseta, há a figura de uma mulher de biquíni com o seguinte enunciado: “Lookin’ to score in Brazil” (Buscando marcar gols no Brasil), que pode ter duplo sentido (fazer gols em uma partida de futebol e também “pegar” mulheres no Brasil). Reverberando uma memória discursiva, o dispositivo, nesses casos, atua desde um gesto micro, como o *twitter* (embora com ares de macro, em virtude da ordem de *quem pode\deve dizer*) até o alcance de instituições internacionais, como a ONG Plan.

O regime de saberes sobre a sexualidade e o corpo, bem como as interdições e incitações ao dizer configuram-se como exercícios de poderes. Ainda que haja uma interdição do que se diz – não se pode dizer tudo em qualquer lugar e circunstância (FOUCAULT, 2011) –, há um espaço para a incitação ao dizer.



Figura 3. Outdoor em Salvador, BA.

“Se o poder é forte, é porque ele produz em igual medida aquilo que ele proíbe” (COURTINE, 2013, p. 16-17). Tudo bem que não se pode mostrar e discursivizar o corpo *deste modo* e nesta circunstância: em uma avenida que dá acesso à Arena Ponte Nova, em Salvador, um dos estádios escolhidos para sediar o Mundial, com a presença de uma mulher com os seios quase nus, e com o linguístico enunciando outra prática sexual. Porém, o exercício do poder, dificilmente, experimentará a figura de uma mulher fora dos padrões esteticamente construídos como o ideal de beleza. Não é uma pessoa idosa, nem gorda, nem com mutilações no seio ou deficiente, nem com barriga avantajada, nem “branquela” ou “preta” “demais”, nem com o cabelo indisciplinado ou ressecado, nem banguela ou

⁵ Falamos em interatividade uma vez que o aplicativo de mensagens permite, primeiramente, *follow* (seguir ou não seguir o usuário), se sim, abre espaço para *retweets* (possibilidade de compartilhamento da publicação), assim como para comentários no que tange ao que foi publicado pelo usuário. Mais um indício dessa aproximação que se deu entre o homem político e o homem comum.

com traços masculinos, etc. Os exercícios de poderes são tão diluídos, micros e concessivos (você pode *desde que...*) que se apresentam quase como transparentes. A urbanidade, a afabilidade do corpo para receber os turistas se conjugam com uma boa saúde, um físico saudável. “Para bem comerciar, é necessária uma boa figura” (COURTINE, 1988, p. 135). A opacidade da linguagem e de *como* se olha e, portanto, *como* se diz sobre o corpo produz o efeito de evidência.

Esse segundo *outdoor* (Figura 3) traz ainda o verbal, complementando o não verbal no enunciado. “Torça para a seleção brasileira porque aqui a espanhola é favorita” faz um trocadilho com duas das equipes classificadas para o Mundial, contudo, deslocando o sentido da segunda, enquanto um time de futebol, para uma prática sexual, denominada espanhola. A inserção de valores (“3h* por 50,00 reais”) no cartaz produz um duplo sentido: eventual pagamento de um quarto de motel ou o valor de uma prestação de serviços sexuais. Nessa tensão da segunda hipótese, cujo corpo esbelto feminino figura como elemento do enunciado nos faz remontar a uma prática surgida no século XVII. Segundo Courtine e Haroche (1988), a “preocupação do aspecto exterior e preocupação com a fisionomia” é fator que desponta para a realização de um bom negócio. “O homem de boa aparência é um trunfo em comércio, um atrativo necessário à permuta dos bens: o comércio ainda é agora indissociável da civilidade” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 135). De modo que essa foi uma condição destacada pelos autores para entendermos “formas políticas de governo, laços e dependências na vida civil, através de saberes e práticas do corpo e da expressão”. (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 131).

Cobrar escanteio, falta ou cartão vermelho

O domínio associado que se estabelece entre os enunciados é constituído também “pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência natural, ou sua réplica” (FOUCAULT, 2013, p. 121-122). Um ponto da rede quando apertado fez outro ponto se mexer: as prostitutas se levantaram contra essa política que tenta apagar a associação do Brasil com a prostituição. Em uma revista *online*, *Beijo da rua*, os enunciados presentes replicavam a posição discursiva dita pela presidente Dilma Rousseff. Aqui, não é mais “combate à exploração sexual”, mas sim uma “ameaça ao trabalho”:



Figura 4. Réplica ao twitter da Presidente D. Rousseff.

A página virtual de *Beijo da rua* é bastante significativa em seu todo: as cores, os títulos das sessões da revista, a lexicalização que promove um deslocamento e atualização de sentidos, segundo a posição discursiva ocupada pelo sujeito do enunciado (“Davida”, “No ponto” e o próprio nome da revista “Beijo da rua”). Os enunciados destacados na parte superior e lateral também funcionam como um “domínio de atualidade” (COURTINE, 2009). “Sem vergonha de ser prostituta. Você tem profissão” põe em latência um discurso que diz que ser uma prostituta é desonroso, desonesto, feio, ilegal e, por isso, não há que se ter orgulho. Apropriando-se dessa memória, o sujeito a transforma e a inscreve na instância do acontecimento: “confere a suas relações o efeito de uma lembrança ou de uma refutação imediatas de formulações presentes em sequências discursivas que se respondem” (COURTINE, 2009, p. 112). De modo semelhante, “As mulheres boas vão para o céu, as más vão para qualquer lugar” não deixa esquecer que “a produção de efeitos de atualidade é ao mesmo tempo uma resultante dos efeitos de memória que a irrupção do acontecimento reatualiza” (COURTINE, 2009, p. 112-113). O novo no interior do acontecimento aprisiona as mulheres boas, honestas, “para casar” em uma única opção: o céu – sem lhes dar chance de escolher para onde irão. Já as mulheres más, as prostitutas – como historicamente se diz sobre elas –, possuem um valor eufórico: a liberdade. Elas decidem para onde e se vão (“a qualquer, inclusive o inferno, ou nenhum lugar”), com quem vão, afinal, o corpo lhes pertence! E ninguém dita o seu destino.

O corpo, inscrito na História e lugar de lutas políticas, de desejos e de prazeres, transmuta-se como o próprio discurso tensivo entre a formação discursiva contra o turismo sexual e a formação das prostitutas. No excerto abaixo, retirado do texto escrito para a revista *Beijo da rua*, notamos como o domínio da memória “constitui o lugar onde se

pode determinar, no desenvolvimento do processo discursivo, o surgimento de enunciados que figuram como elementos do saber próprio a uma FD”:

Assim sendo, por que não o turismo sexual, sendo que nessa indústria todas/os ganham, menos as prostitutas? Assumir isso colocaria em risco o processo de desconstrução da imagem erotizada do Brasil no exterior, que, ao que parece, opera a partir da higienização dos corpos cuja meta é afastar o sexo do discurso, como se isso garantisse uma positivação de nossa identidade colonizada. (CHATEAUBRIAND, 2014)

O Outro pode até dizer que as prostitutas “vendem o seu corpo”. Elas, em posição de ataque\defesa, dirão que “prestam serviços sexuais”, uma vez que o corpo continua lhes pertencendo e não há uma transferência de sua propriedade e posse, à semelhança de um contrato de compra e venda. O corpo, como lugar de luta política, de descrição do “real”, de saberes-poderes que se põem em jogo. Em outros termos, o “corpo está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônia, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1977, p. 28).

O campo associado do enunciado está em consonância direta com a memória discursiva, como já assinalada anteriormente. Mas, além de manter coexistências com os enunciados anteriores, há uma espécie de licença para o porvir. De acordo com Courtine (2009, p. 113), há “formulações determinadas no domínio da antecipação, relações interpretáveis como efeitos de antecipação”, que se organizam no intradiscorso. Nessa toada, é interessante notar como as condições históricas de emergência, em especial a realização da Copa do Mundo de Futebol 2014 e Olimpíadas, em 2016, no Brasil, dos enunciados aqui apresentados se entrecruzam, se sucedem, se antecipam. A antecipação, por meio da memória, se deu, por exemplo, quando da redação do Projeto de Lei (PL) n. 4.211, em 2012, que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. O deputado Jean Wyllys antepõe-se:

A regulamentação da profissão do sexo e as alterações do Código Penal aqui apresentadas refletem também a preocupação eminente com o tráfico de pessoas, a exploração sexual e o turismo sexual. **O Brasil ocupa posição de crescimento econômico e vai sediar dois grandes eventos esportivos que atraem milhões de turistas.** A regulamentação da profissão do sexo permitirá alto grau de fiscalização pelas autoridades competentes, além de possibilitar e até mesmo incentivar o Poder Executivo a direcionar políticas públicas para esse segmento da sociedade (como a distribuição de preservativos, mutirões de exames médicos, etc). (BRASIL, 2012). (grifos nossos)

Reiteramos o “caráter aberto da relação que um enunciado, produzido em determinadas condições de produção, mantém com o seu exterior. Se existe um *sempre-já* do discurso, pode-se acrescentar que se terá aí um *sempre-ainda*” (COURTINE, 2009, p. 113). Há, com efeito, um enunciado, no caso do PL\2012, que é possível de irromper nesse momento histórico que o Brasil atravessa: das reivindicações do corpo e questões postas pelos estudos do gênero (Marcha das Vadias, como ilustração), do “respeito” ou “tolerância” – a depender da posição discursiva – à diversidade, etc. Na mesma esteira, esses enunciados emergem em razão de um *sempre-já* que inventou o Brasil como o “lugar onde suas fantasias se tornam realidade” (Figura 1). Um *sempre-já* que continuamente discursiviza a mulher brasileira com o sexo, avizinhandose com o campo da prostituição.

Nestes 45' do segundo tempo

A Copa do Mundo é um acontecimento discursivo, a respeito da qual tentamos mostrar como há “o novo no interior da repetição” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1994, p. 166). Os exemplos aqui analisados são apenas pequenos nós da rede, e de um ponto a outro há relações singulares. O dispositivo atua como um diagrama, “um mapa, ou melhor, uma superposição de mapas. E, de um diagrama a outro, novos mapas são traçados” (DELEUZE, 2005, p. 53). Nessa cartografia encontramos *unidade* na temática Copa do Mundo. Reportagens de revistas estrangeiras indicando como abordar as mulheres no Brasil; o curso de inglês para prostitutas, oferecido em Belo Horizonte, foi notícia em jornal colombiano e sueco; as camisetas com conotação sexual; a chamada para que cariocas se inscrevessem em um quadro de um programa global cujo objetivo era encontrar-lhe um “gringo” para namorar; os *outdoors*; as passistas e os seus bumbuns bronzeados, sem celulite e cheios de gingados, convidando todos a virem para o Brasil. Na dispersão,

O enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tempo de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 2013, p. 128)

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Congresso Nacional. *Projeto de Lei que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo*. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1012829. Acesso em: 17 jul. 2014.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Claraluz, 2009.
- _____. *Metamorfose do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Torema, 1988.
- CHATEAUBRIAND, Roberto. Governo volta a atacar o turismo sexual, ameaçando o direito ao trabalho das prostitutas. Disponível em: <http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?edicao=28&coluna=6&reportagem=921&num=1>. Acesso em 15 jul. 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. *A ordem do discurso*. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni (Org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. (Language, 81, 1986).

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.